

Flávio Kulevicz Bartoszeck

Dualismo de substância

Este tipo de dualismo descreve que cada mente é uma *res não-física* distinta, um aglomerado individual de substância não física, uma coisa cujas propriedades são independentes de um corpo que por ventura esteja “conectada”. Segundo ela, os estados mentais são oriundos dessas mesmas propriedades *não-físicas*, distintas e únicas de substâncias.

Levando-se em conta essas propriedades citadas, ao longo da história da filosofia teve-se a idéia de caracterizar negativamente esta abordagem, apesar de certos expoentes da filosofia tentarem manejar uma explicação positiva com relação ao assunto, dentre eles encontra-se Rene Descartes.

Isso nos leva a fazer outras perguntas com relação a uma caracterização positiva dessa coisa-mente. Uma queixa frequentemente se faz em relação à abordagem dualista da substância é a de que sua caracterização da mente tem sido, até agora, quase inteiramente negativa. Essa, no entanto, não é necessariamente uma deficiência fatal, uma vez que, sem dúvida, temos muito que aprender sobre a natureza subjacente da mente, e talvez essa deficiência possa vir a ser corrigida. Nesse sentido, o filósofo René Descartes (1596-1650) fez mais que qualquer outro para apresentar uma explicação positiva da natureza dessa coisa-mente, e vale a pena examinar suas concepções (Paul. M. Churchland, 1998,p 26).

Descartes propunha uma divisão da realidade em dois tipos básicos de substância; o primeiro deles era o tipo ordinário que tinha como característica ocupar lugar no espaço, ter comprimento, largura e altura. Apesar da conotação da substância material parecer que ela não tinha importância, ela foi largamente exacerbada por Descartes, onde seus escritos serviriam de base para as extrapolações mecânicas de Newton.

Porém, havia uma substância que fugia de seu alcance de explicação pela mecânica. Esta substância era a razão consciente humana. Isto fez com que Descartes propusesse um tipo diferente de substância. Uma substância sem extensão nem lugar no espaço, onde a sua característica essencial era a atividade humana de *pensar*.

E, por conseguinte, pelo próprio fato de que sei com certeza que existo, e que, contudo, percebo que não pertence necessariamente nenhuma outra coisa à minha natureza ou à minha essência, salvo que sou uma coisa que pensa, concluo que minha essência consiste apenas em que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda a essência ou natureza consiste apenas em pensar. E, apesar de, embora talvez (ou, antes, com certeza, como direi logo mais) eu possuir um corpo ao qual estou muito estreitamente ligado, pois, de um lado, tenho uma idéia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e com extensão e que não pensa, é certo que este eu, ou seja, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é completa e indiscutivelmente distinta de meu corpo e que pode existir sem ele. (Os pensadores, 1999, p 320)

Descartes ia mais além, pois dizia que o seu *eu* real não era de forma alguma seu corpo físico, mas sim a substância pensante e sem alocação no espaço. Esta mesma substância teria um nexos causal com o seu corpo. Por exemplo, suas experiências organolépticas¹ causavam experiências em sua mente, e seus impulsos e desejos proporcionavam reação em seu corpo físico. Estas conexões causais são a sua garantia que o corpo é seu e não de qualquer outra pessoa.

As razões para Descartes afirmar tais coisas pareciam bastantes simples na época. Primeiramente Descartes dizia que poderia verificar que ele era realmente uma substância pensante apenas utilizando-se de um exame interno, ou seja introspecção, de suas experiências mentais e nada além disso. Em segundo lugar, ele não poderia conceber que um simples sistema físico pudesse conceber algo tão extraordinário quanto a linguagem ou os raciocínios matemáticos.

Mas mesmo Descartes vislumbrava problemas com a sua própria teoria de

¹ Ou seja estímulos proporcionados pelos sentidos, como olfato, visão, por exemplo.

mente/corpo, como por exemplo a respeito da interação causal entre a matéria pensante e a matéria física. Como poderia algo de compleição tão distinta como a matéria pensante ser a causa da matéria física, mesmo sendo a matéria pensante sem extensão e lugar no espaço. Note-se, que para isso, Descartes utiliza de sua própria teorização sobre a conservação da quantidade de movimento, que a matéria se comportaria no espaço de acordo com leis rígidas, e não se poderia entrar em movimento a partir do nada.

Por quais artifícios a matéria pensante teria influência sobre a matéria dotada de massa? Para tal, Descartes sugeria que uma substância material de constituição mais sutil seria necessária, chamando-a de “espíritos animais”. Onde seriam encarregados de induzir os comandos da mente para o corpo e vice-versa. Porém, ainda temos o problema com respeito a esta mesma substância dada, como tal substância praticamente sem massa teria tanta influência sobre o corpo?

Como podem duas coisas tão diferentes ter algum tipo de contato causal? Descartes sugeria que uma substância material muito sutil- “os espíritos animais”- transmitia a influência da mente ao corpo em geral. Mas isso não nos dá uma solução, uma vez que nos deixa com o mesmo problema com que começamos: como algo espacial e dotado de peso(mesmo os ‘espíritos animais’) podem interagir com algo totalmente não espacial?”(Churchland, 1998, p 28)

Pois bem, levando-se em conta a divisão utilizada por Descartes, podemos supor a princípio que ela não teria tanto impacto nos dias de hoje. Atualmente, caracterizando a matéria,² precipitadamente, como algo que possui extensão no espaço. Um exemplo disso são os elétrons, são chamadas de partículas pontuais, sem nenhuma extensão, e muito menos uma posição determinada no espaço, somente uma posição determinada estatisticamente.

Dosando tais dificuldades há o surgimento de uma “subspécie” dualista de substância, chamado de dualismo popular, ou a famosa concepção do *fantasma na*

² Entender-se matéria como constituindo-se de Prótons , Neutrôns e Elétrons.

máquina . Ela diz simplesmente que o *fantasma* seria uma substância espiritual de constituição diferente da matéria física, porém dotadas de propriedades espaciais desconhecidas. Em termos gerais, a substância parece estar *dentro* da cabeça , ou seja com estreito contacto com o cérebro.

Esta vertente é de peculiar popularidade, pois abre caminho para a oportunidade da substância pensante transgredir os limites impostos pelo corpo, ou seja, ser perene ,apesar da morte do corpo.

Esta vertente se atem a possibilidade de algum dia ,a sua explicação da interação, com o corpo ser entendida de uma forma diferente,com a qual ,tradicionalmente explicamos as demais trocas de energia, como por exemplo as forças: gravitacional, forte , fraca, magnética, e é claro biologicamente os ciclos de trocas e transformações de energia na cadeia alimentar.

Essa concepção será atraente a muitos, por uma outra razão : a de que ela pelo menos mantém a possibilidade de que a mente possa sobreviver à morte do corpo(embora, sem dúvida, não o garanta). Ela não garante a sobrevivência da mente porque, ainda assim , é possível que a forma peculiar de energia que estamos supondo constituir uma mente seja produzida e sustentada unicamente em conjunção com a forma altamente complexa de matéria que chamamos de cérebro, e que , portanto, ela também se desintegre quando o cérebro se desintegra.
(Churchland,1998, p 29)